

# Opinião



EUGÉNIO COSTA ALMEIDA\*

## Moçambique: e os Bros. se desconvergem...

**ATÉ OUTUBRO** do ano passado, os moçambicanos com maior ou menor corrupção mantinham uma estabilidade social e política interessante.

Havia aqui ou ali alguns contratemplos, algumas vozes mais críticas, alguns sectores sociais mais recalcitrantes e reivindicativos mas, no todo, tudo se processava com a normal intensidade de quem vive de e para o seu país e para o desenvolvimento de Moçambique.

É certo que a dada altura o líder do maior partido da Oposição, Afonso Dhlakama decidiu voltar para as suas antigas bases na Gorongosa, denunciando alguma inflexibilidade política do poder em Maputo e contestando as linhas mestras das políticas eleitorais moçambicanas.

Na prática, mais não era que Dhlakama estar a passar umas férias no mato junto dos seus companheiros e apoiantes; ou seja, tudo normal.

Isto, até Outubro de 201 quando as forças militarizadas de Moçambique estatuíram o final desse período de ócio; para estas a forma como Dhlakama se movimentava nas terras da Gorongosa ultrapassavam meros encontros políticos como, tão-só, havia uma tentativa de restaurar a sua influência político-militar na região o que, na concepção das autoridades em Maputo dever-se-ia pôr fim a essas movimentações e restaurar, segundo estas, a soberania completa do país.

Para isso, as forças militarizadas de Moçambique invadiram e ocuparam o campo de Sathundjira onde se sedava o líder da perdiz.

Ora, naturalmente, estas movimentações político-militares desencadearam retaliações e contra-retaliações de ambas as partes com naturais prejuízos para a vida social e económica dos moçambicanos.

As críticas vozes que se têm levantado aliadas às que defendem um compromisso imediato entre as duas partes litigantes – acresce que se uma está bem armada, as forças de Defesa de Moçambique, já as da Renamo nem por isso são supostas estar – exigem que os líderes políticos, no caso o Presidente de Moçambique, senhor Armando Guebuza, e o da Renamo, senhor Afonso Dhlakama se juntem e conversem frente-a-frente como duas pessoas e dois políticos inteligentes e práticos e coloquem os interesses nacionais acima dos seus interesses pessoais.

Só que a realidade, ou a falta de bons interlocutores e bons assessores têm impedido esse desiderato; e Moçambique continua desde Outubro passado, ou seja, há quase 4 meses em estado de pré-conflito latente com os naturais e incompontáveis custos para a economia e estabilidade social e política.

É certo que apesar do boicote da Renamo e das dúvidas antecedentes e posteriores ocorreram as eleições autárquicas com a presença não só da Frelimo, o partido maioritário e do poder, como do MDM e de outras forças políticas que passaram a ocupar cargos autárquicos em quase todo o país.

Foi, reconhece-se, um revés político forte para a

Renamo e para o seu líder.

Todavia, sabe-se que ambas as partes e as forças sociais do país procuram que os dois líderes se reúnam e discutam. Só que também aqui as divergências são demais mas não creio que sejam insanáveis e inextinguíveis.

Enquanto Guebuza e a Frelimo desejam que o encontro seja entre as duas partes e debatido no seio dos dois grupos com o acompanhamento externo das forças sociais moçambicanas, ou seja, uma conversa entre dois irmãos que se desconvergem, Dhlakama e o partido da perdiz, bem como os seus assessores, querem que as conversações sejam conduzidas por personalidades exógenas, internacionais.

Compreende-se ambas as partes, principalmente as desconfianças de Dhlakama no que são acompanhadas, não poucas vezes, por personalidades moçambicanas de outros quadrantes políticos; mas é preciso ter em linha de conta que a actual situação política e social de Moçambique não é a mesma de quando as duas partes assinaram o acordo de Paz de 1992 assinado em Roma, mediado pela Igreja Católica, pelos clérigos de Santo Egídio.

Guebuza quer que as conversações sejam similares às que conduziram a Paz em Angola. Conversas directas entre os dois opositores, frente-a-frente e sem intermediários. Dhlakama, como se sabe não aceita.

Só que as conversações que levaram à paz em Angola e à assinatura do Memorando de 4 de Abril de 2002, apesar de ter sido uma conversa intra-pares e entre irmãos, não deixou de ser uma conversa entre um vencedor e um acabrunhado movimento rebelde com a natural imposição dos termos de Paz serem tributados pela parte mais forte.

Já no caso de Moçambique essa situação não se põe pelo que é aceitável que, levando em conta as desconfianças e o facto de ambos estarem em quase pé de igualdade, haja uma entidade conciliadora a mediar as duas partes.

Se ambos estiveram em Santo Egídio e ambos reconhecem-lhe credibilidade, porque não voltam a chamar os padres de Santo Egídio e também clérigos islâmicos, já que o Moçambique faz parte da Conferência Islâmica, para mediar o conflito?

Por vezes é mais fácil e pertinente usar o que se conhece e “já se provou” do que tentar obter e fomentar novos ingredientes em “manjares” complexos e muito condimentados...

Moçambique não pode esquecer que a África Austral já tem problemas que cheguem, e alguns bem graves, casos de Madagáscar e do Zimbabué, para lhe acrescentar outro, claramente obtuso e imponderado, onde tudo mais parece que um amuo entre Bros. com evidentes e incompontáveis reflexos para os seus concidadãos.

Por vezes apetece expressar, “parem um pouco e pensem!” Não desconvirjam!

\*Investigador do CE-ISCTE-IUL  
elcalmeida@gmail.com

## Falando em miúdos



António Tomás

## Por África

**NÃO É FÁCIL** viajar por África, sobretudo quando se é africano. Porque os africanos desconfiam sempre de outros africanos em deslocação pelo continente. E porque África está mal ligada. É sempre mais fácil sair de um país africano para a sua antiga colónia, do que de um país africano para outro país africano. Se dúvidas houver em relação a isso, basta ver os preços das viagens. E em muitos casos, nem existe a possibilidade de viajar directamente de um para outro país africano.

Para quem se interessa por viagens, como material de estudo, os antropólogos, os missionários, os escritores de viagens, os jornalistas, e outros, a viagem oferece interessante material de análise. Só sobre os aeroportos em África se poderiam escrever vários tomos. A aqui vale mesmo a pena ouvir o famoso escritor de viagens Paul Theroux que, no seu livro “The Old Patagonian Express”, procura corrigir uma das grandes omissões da literatura do género: os livros de viagens são quase sempre sobre os lugares, o destino, o ponto final: a floresta da Amazónia, o Kilimanjaro, o deserto da Namíbia. Mas raramente sobre o processo da viagem em si, a burocracia, o tédio, o cansaço.

O aeroporto de Luanda, também conhecido como 4 de Fevereiro. A primeira coisa que me chama a atenção sempre que ali vou é a quantidade de funcionários chamados a realizar tarefas redundantes. Vários operadores para os vários pontos de controlo. Pelo menos dois operam a máquina que embrulha as malas em plástico. Para se chegar à operadora da companhia que faz o check-in, ainda se passa por um funcionário que verifica se o nome do passageiro consta de uma lista. Os polícias, contei três da última vez, que nos cubículos perguntam quando dinheiro levam os passageiros. E até também preciso entregar o talão de embarque a um funcionário que confirma numa lista só com números a presença dos passageiros. E mais recentemente, uma primorosa inovação: há agora uma carrinha que pára ao lado da escada para o avião, que traz material para uma última vistoria aos pertences dos passageiros, por onde os passageiros colocam as malas. Este aparato é controlado por dois funcionários, sem contar o motorista.

É sempre uma atmosfera pesada no Aeroporto de Luanda. São muito funcionários imbuídos de um espírito de urgência. Como se tivessem a tirar seres humanos de uma zona subitamente atingida por confrontos armados. Já foi quase assim, em Angola, por isso esta atmosfera tem razão de ser. Imagino o que diz o funcionário à sua mulher quando sai de casa para trabalhar: “tenho voo hoje, vou despachar”.

E faz sentido. Controlar voos de tão

grande dimensão, com recursos humanos e materiais tão limitados requerer efectivamente um tão grande esforço. As companhias aéreas que operam em Angola, mesmo aquelas africanas, que fazem voos regionais, mandam a Luanda os seus aviões de maior porte. Porque sabem que os angolanos viajam muito, para todos os propósitos, e porque sabem que em Angola existem um considerável número de estrangeiros, que, por vários motivos, se deslocam frequentemente para o exterior. No avião da companhia etíope que apanhei quase não vão angolanos. Vão alguns cidadãos europeus, mais alguns de países do Médio Oriente, como Líbano e Israel, mas a grande maioria são os trabalhadores da construção civil chineses. Ocupam grande parte do avião cheio, e é toda uma experiência viajar no meio de tal grupo. Fazem filas colados uns aos outros, com medo que alguém se intrometa e lhes roube o lugar, e dei por mim a afastar alguns por achar que se tinham chegado demasiado perto. Recebem ordem para entrar no avião e obedecem-nas correndo. E, já instalado no avião, conseguem fazer várias coisas num espaço muito exíguo, dormir em posições muito complicadas, e não sair das cadeiras nem para ir à casa de banho.

De Adis Abeba só vou reter as luzes da cidade e o frio que faz nessa época do ano. Mas aí já se está de volta à normalidade. Tudo é mais pobre que Luanda, embora mais asseado, mas tudo é também menos povoado. De tão estóico o aeroporto, uma pessoa se pergunta se é o mesmo que serve uma das maiores companhias aéreas do continente. Dois ou três funcionários da companhia etíope são suficientes para encher um avião a caminho de Kampala, que leva pouco mais de 3 dezenas de passageiros.

E só depois de mais duas horas, Kampala, a capital do Uganda. O aeroporto parece grande para a dimensão e população do país, se comparado com o de Luanda, por exemplo. Mas muito limpo, muito bem organizado, com funcionários calmos, mas eficientes. À saída do aeroporto, a pessoa que me vem buscar com o letreiro que diz “Dr. António Tomás”. Subimos para um carro, eu vou sentado à esquerda, a tentar fazer sentido do tráfico, em que todos me parecem andar em sentido proibido.

Penso em Malinowski, um dos pais da antropologia, e nas minhas aulas de antropologia, em que para vendermos a magia da disciplina, tentamos fazê-los imaginar, homens brancos, pela primeira vez numa parte do globo em que ninguém da sua raça tenha jamais estado. Eu sou africano, estou em África, e não sou o primeiro angolano em Kampala, mas ainda assim é como se viesse à descoberta.